

Introdução

Este artigo tem origem nas investigações sobre as arquiteturas urbanas protagonizadas dos espaços públicos das cidades contemporâneas.

Estas assumem o papel de símbolo e de identificação dos novos desejos da sociedade atual e seriam veículos de explicitação dos fenômenos pós-modernos: cultura, mídia e consumo. Numa perspectiva mais reduzida sob a qual essa ótica reverbera no urbanismo contemporâneo, a partir dos mais recentes projetos de museus.

Dentro do espectro mais abrangente de nossa abordagem sobre as “mutações contemporâneas” tratamos também de chamar a atenção para os seus reflexos sobre as atuais intervenções urbanas considerando os seguintes enfoques:

- a **estética global e a disseminação** dessa estética numa escala transacional, evidenciando o poder privado como principal agente disseminador dessa estética;
- a **natureza da descontinuidade, da ruptura** e do deslocamento, a pluralização das identidades e os instrumentos que revelam possíveis “fragmentações” dos novos projetos urbanos.

Já no que se refere à parte mais específica de nosso estudo, foram selecionados como exemplos mais característicos das denominadas “arquiteturas protagonizadas”, “arquiteturas culturais” e “arquiteturas urbanas” os museus Guggenheim (Bilbao), Arte de Milwaukee e a Cidade das Artes e da Ciência de Valencia, Imperial da Guerra (Manchester), evidenciados como os novos instrumentos, ou as novas estratégias de representação e significação da cidade.

Nossa decisão é reforçada pelo viés que nos permite aceitar o papel que a cultura assume nos dias atuais. Papéis que acrescentam valores objetivos e subjetivos ao uso do eixo “cultura” incorporado aos valores formais e estéticos da arquitetura. Tais discussões, presentes em diversos estudos realizados por autores situados além do campo da arquitetura e do urbanismo tais como Hall (1992), Yúdice (2004), Bauman (1991, 1998, 2000, 2001). E ainda do seu poder de manipulação do campo simbólico regido pelas relações sociais como apontado por Bourdieu (2005).

A partir das transformações do mundo social contemporâneo e com ênfase na velocidade, na variedade de informação e na abrangência global da comunicação, pretendemos discutir nos projetos acima citados os valores da imagem, aparência e estética como instrumentos de

Os Museus na Cidade e as Conexões Virtuais

Francirose Soares (PROURB-UFRJ)

francisoares@acd.ufrj.br Brasil

Carlos Murad (PROURB-UFRJ),

murad@acd.ufrj.br

Universidade Federal de Rio de Janeiro

This paper discusses contemporary issues framed through virtuality, as well as its consequences within urban design. It is a research aiming to demonstrate both the meanings involved in new global issues as well as the role of a virtual communication web interfering in representative and significance of urban issues.



aproximação e transição entre o real e o virtual.

Através desses valores apresentamos uma exploração da sensibilidade da estrutura lingüística e analítica dos projetos desses museus sob a ótica do simbolismo e do simulacro. Uma sensibilidade presente tanto no espaço físico da cidade quanto no espaço virtual da Internet.

De uma forma específica nossa intenção é discutir a vivência trazida pela rede virtual como uma forma de experimentação reivindicada pela arquitetura no âmbito de sua participação enquanto símbolos sempre presentes na vida do homem, definidores de territórios reais e imaginários.

Nossas conclusões visam demonstrar que a rede virtual trata-se de mais uma linguagem na relação do indivíduo com o espaço e que essa forma de arquitetura urbana protagoniza tanto a cidade real quanto a cidade virtual, portanto mais um instrumento que realiza a cidade imaginada, a cidade simulada.

Se por um lado existe o antagonismo entre a espacialidade real e a irreal - virtual, por outro, o exercício da imaginação proporcionado pela virtualidade une esses dois extremos. Nossa tentativa é a de poder compreender que, muito além de campo real, o campo virtual se apresenta como um novo espaço a ser projetado para o indivíduo e que por trás da arquitetura real existe uma arquitetura virtual cuja concepção e as vicissitudes compositivas estão totalmente moldadas às novas condicionantes da contemporaneidade.

Moderno-pós-moderno novos valores da realidade Contemporânea

Partimos dos questionamentos e "*acontecimentos nervosos*" desta alteração na condição de existência apontados por Morin, (2003: 19) que fundamentam, numa lógica de superação crítica do novo, a pluralidade, velocidade e a mutabilidade típicos do "fim da era moderna".

Juntamente com o declínio das ideologias paradigmáticas da cultura ocidental Modernista surge uma nova visão do sentido histórico ultrapassando sua configuração epistemológica, onde a história constrói a estrutura intelectual da qual a compreende. Uma visão que significa também a experiência do fim que, conforme discutida por Vattimo (2002), se dá a partir da mudança de uma lógica onde a história deixa de ter uma ilusória mecânica unidirecional e seqüencial. Vattimo expõe deste fim da modernidade uma

faceta mais abrupta entendendo que a lógica pós-moderna significa a "eliminação" dos ideais modernistas. Já Morin (2005) acredita que o pós-moderno emerge num processo de "reformulação" dos dogmas do moderno. Tanto Morin, como Vattimo apontam para a rejeição do metadiscurso social unitário e de validade universal do modernismo, mostrando de fato a desintegração de um pensamento racional, positivo e linear.

Assim, uma nova concepção temporal permeia o pensamento pós-moderno onde inexistente todo o sentido de linearidade e unicidade histórica. Dentro desta visão negadora da linearidade dos acontecimentos e da idéia do progressivo questiona-se o atrelamento do sentido de evolução ao desenvolvimento tecnológico. Interrompe-se aqui a estrutura que vinha moldando o pensamento e a experiência humana desde o iluminismo. Da continuidade a descontinuidade, alicerça-se um discurso que dá significado à heterogeneidade, afinal os acontecimentos interferem de maneira aleatória e incontrolável, onde noções tais como a fragmentação e descontinuidade ocupam o plano principal. O "todo" se fragmenta e a "parte" rompe os encaixes de equilíbrio e estabilidade do chamado espírito moderno.

A ilusão de ir-realidade na contemporaneidade

Assim, numa época permeada por mudanças, uma breve análise da condição de velocidade e processo, sob a qual se instalam os sentidos de crise, parece nos apontar um rumo em meio à desorientação de paradigmas teóricos e tecnológicos dos quais emergem os novos valores da criação projetual em um cenário urbano contemporâneo.

Na era pós-moderna com a desvinculação das narrativas históricas a uma certa previsibilidade das estruturas duradouras são substituídas pela mutabilidade especialmente pelas incertezas dos mundos digitais que assumem as novas formas de realidade. Segundo postula Vattimo (2002) as incertezas diluem e substituem as "estruturas estáveis do ser". O que pode se apresentar como um sentido de crise quando na verdade é apenas a evidência destas incertezas que se configuram como estruturas descentralizadas da identidade. Uma crise da identidade que se estabelece pela mudança da relação espaço-tempo, como nos ensina Hall (2005). Será o rompimento das coordenadas espaço-tempo, a alteração do seu locus que fará surgir novas relações simbólicas para esse binômio. A alteração na relação espaço-tempo atuará no processo

de identificação, pois conforme nos aponta Morin (2005: 71), "*Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos...*".

Explicitados que serão pelas resignificações dos processos representativos das artes e especialmente pela sua inserção na escala de uma rede de comunicação global.

Se nessa nova relação espaço-tempo existe uma interferência do tempo sobre o espaço que resulta na destruição do último (Harvey, 1989) ou como Bauman (1998) que fala de compressão tempo-espacial. Esta destruição ou compressão interfere por sua vez na permanência das raízes que solidificam os processos de identificação do indivíduo. A destruição do espaço que Harvey se refere é a destruição do específico, do concreto, do conhecido, do familiar, do delimitado e, portanto uma desestabilização no ponto das práticas sociais das quais, segundo Hall (2005), nossas identidades se formam e estão estreitamente ligadas.

No entanto, o que caracterizaria a espacialidade como a tradicional definidora das relações sociais se transforma com a inserção na realidade comunicacional e sob efeito das tecnologias da informação. As interfaces velozes trazidas pelo desenvolvimento tecnológico, principalmente ao que se refere à evolução dos meios de comunicação, é responsável pela alteração de vários parâmetros da vida humana. Uma revolução centrada na abertura e na abrangência da informação, com um enfoque heterogêneo e pluralista. Neste sentido, espaço e tempo são diferentemente transformados: as condicionantes temporais são transformadas sob a égide da velocidade e as da espacialidade moldam-se entre a realidade e a irrealidade.

O espaço planejado "territorial - urbanista - arquitetônico", segundo Bauman (1998: 24) ganha, um novo espaço, o espaço cibernético - a rede mundial de informática.

Um ponto como que Hall (2005), Harvey (1989) e Bauman (1998) concordam é que os significados e as relações não mais necessitam do espaço físico para seu ordenamento, ou seja, ordem social e organização do espaço não estão mais relacionadas com a tradição, aquilo que Bauman (1989: 26) aponta: "*a rearrumação dos corpos no espaço físico é menos que nunca necessária para reordenar significados e relações*".

Experiência real - experiência virtual, os museus contemporâneos

As novas ações urbanísticas sobre as cidades são reflexos da busca pela hegemonia, domínio e supremacia política e econômica numa escala global. Sob o tema da cultura, os projetos dos museus contemporâneos alavancam novas modalidades de representação para a cidade e se tornam referências planetárias. Ao mesmo tempo as crises e incertezas da contemporaneidade também têm reflexos na questão urbanística. Os planos urbanísticos ideológicos e totalizadores que decretavam as leis e os princípios das ações públicas e privadas são substituídos por projetos que atuam sobre uma parcela da cidade, trazendo uma característica polissêmica e flutuante. Essa independência sobre as diretrizes norteadoras e os processos atuantes da cidade nos traz a noção de fragmento digerida dentro do pensamento urbanístico. Neste sentido, arquitetura e a intervenção urbana são consideradas como um único evento, uma unidade independente. A associação que queremos evidenciar vem das grandes proporções que assumem essas arquiteturas. Sua dimensão e sua presença afetam e rompem com a estrutura urbana existente ao mesmo tempo em que é capaz de transmitir uma idéia de todo considerando seu caráter representativo.

Essas relações são exemplificadas com o Museu Guggenheim - Bilbao (Frank Gehry) onde através da superposição de volumes aderentes a uma massa heterogênea, irradiando tecnologia, cria-se uma imagem da descontinuidade e simultaneidade.

Também caracterizado como um grande instrumento de propulsão e dinâmica das transformações urbanas os projetos do arquiteto Santiago Calatrava para a cidade de Milwaukee e Valencia, respectivamente o Museu de Arte e a Cidade das Artes e da Ciência imprimem forma e contaminam com seu conteúdo imagético. Uma condição de exploração da arquitetura enquanto ícone de irradiação e constructor de novos processos de identificação. Aqui a arquitetura toma para si o processo dialético da presença e da ausência. Presença por atingir a níveis de materialização que transcendem ao espaço físico real e se propagam pelas redes virtuais de comunicação. Ausência por estar livre dos sistemas que a vinculam ao passado, pela ausência do sujeito, da história e do lugar. O Museu da Guerra (Daniel Libeskind), a partir de um simbolismo que explora o imaginário de uma classe de operários da indústria bélica para uma expressividade formal que se inspira na



memória do lugar para emanar novas relações de representatividade a níveis transterritoriais, almeja uma irradiação global.

Com relação aos projetos acima citados, podemos verificar que, dentro da temática da imaterialidade que contamina a arquitetura e do urbanismo, a fascinação centra-se num universo imaginal situado numa dimensão distinta da realidade concreta. Assim, a arquitetura, pelo viés da imaginação, passa a reapresentar as imagens de uma irrealidade-real. O que evidencia o processo dialético entre o material e o imaterial. O primeiro trabalha sob a esfera da imagem real, percebida. O segundo trabalha sob a esfera da imagem irrealizada. A resultante é a possibilidade de experimentação imbricando os valores realizantes da continuidade racional com os potenciais irrealizadores da descontinuidade imaginal. Assim a experimentação formal muito além de figurativa se torna abstrata e é absorvida pelas realidades virtuais.

Nossa análise dessas arquiteturas fala muito mais de intensificação do que de critérios estéticos. É a substituição do segundo pelo primeiro como aponta Jameson (2004, 24). Falamos de uma autonomia e de uma onipresença formal que traz condições de propagação dessa arquitetura no campo real e virtual. O seu significado comum, ligado aos valores históricos e representativos de uma dada comunidade é substituído por um outro caráter de significação. Que se realiza através do desejo, da satisfação pelo presente e pelo simulacro. O poder de simulação ganha condições de significação.

Considerações finais

O predomínio das novas concepções do pensamento social, trazidas com a mudança do paradigma da produtividade para o do consumo, cria novas formas de relação entre indivíduos e entre indivíduo e meio. Esta valorização da pluralidade e diversidade irá constituir uma identidade múltipla no sistema da cultura. A sociedade contemporânea será por definição uma sociedade veloz, mutante e plural. Decorrente das avançadas interconexões dos processos de comunicação e de informação, as chamadas novas "ondas virtuais" mediam as mutações sociais e culturais não mais na escala local e sim global. A rede de comunicação representa a superação de todas as barreiras físicas e temporais, assim como a eliminação dos limites entre a realidade e a irrealidade. A arquitetura urbana passa a representar mais do que a realidade, centra-se numa imagem abstrata que proporciona essa experimentação. A cidade se torna assim um corpo abstrato de experiência.

Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean.** Cultura y simulacro. Barcelona: Kairós, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt.** Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- , Globalização. As Conseqüências Humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BOURDIEU, Pierre.** Razões Práticas. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.
- , O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- , A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva., 2005.
- FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis.** Artes mayores. Guggenheim, Frankfurt: culturas de escala. Revista Arquitectura Viva, nº 16, Madrid, 1991.
- , Luis. Valencia 2007. Revista Arquitectura Viva, nº 103, Madrid, 2005.
- JAMESON, Fredric.** Espaço e imagem. Teorias do Pós-moderno e outros ensaios. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- HARVEY, David.** Condição Pós Moderna. São Paulo: Edições Loyola., 1993.
- HALL, Stuart.** A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- MORIN, Edgar.** Cultura de Massas no Século XX - O Espírito do Tempo: Necrose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- YÚDICE, George.** A Conveniência da Cultura - Usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- VATTIMO, Gianni.** O Fim da Modernidade. Nilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Keywords:

Museus contemporâneos, arquitetura cultural, real, virtual.